

PERRET, Peter; FOX, Janet. **A well-tempered mind**: using music to help children listen and learn. New York : Dana Press, 2006. 331 p.

O interesse por estudos sobre música na educação cresceu bastante nos últimos 20 anos. Parte de tal interesse tem origem em pesquisas no campo da neurologia. Outra parte guarda relação com investigações em lingüística. No primeiro caso, experimentos em laboratório e acompanhamentos médicos de pessoas com alguma lesão ou disfunção cerebral mostram que há áreas de nosso cérebro dedicadas à música. No segundo caso, há um debate interessante sobre origens da linguagem e da música, realçando diferenças e buscando semelhanças entre as duas. Em termos práticos, o assunto ganha maior importância no Brasil com a recente lei de obrigatoriedade do ensino de música nas escolas. Por isso, a literatura sobre educação musical começa a ganhar espaço nas editoras.

A well-tempered mind é registro de uma experiência original de presença da música no espaço escolar. A obra é uma narrativa e análise do Projeto Bolton, realizado em escolas públicas de Wiston-Salem, na Carolina do Norte. Um dos autores, Peter Perret, é regente da orquestra sinfônica da cidade e estudioso da relação entre música e desenvolvimento cerebral. Perret começou a planejar o Projeto Bolton a partir do momento que entrou em contato com os resultados de uma investigação conduzida por cientistas da Universidade da Califórnia em Irvine, mostrando que um grupo de pré-escolares, envolvido com a aprendizagem de teclados, teve resultados superiores à média num teste de inteligência espacial. O maestro, consultando educadores de seu estado e conversando com músicos profissionais, imaginou inicialmente a presença de conjuntos de corda ou de sopro executando peças selecionadas em espaços comuns das escolas. Ele não queria fazer da música uma obrigação ou um conteúdo disciplinar do currículo. No percurso, a proposta foi se modificando até ganhar os contornos definitivos da experiência narrada no livro: presença de um quinteto de sopro, duas ou três vezes por semana, em blocos de 30 minutos, nas salas de aula das três primeiras séries do ensino fundamental.

Em linhas gerais, cada sessão do quinteto em sala de aula tinha a seguinte estrutura: execução de uma peça clássica curta (cerca de cinco minutos) no início, conversa com os alunos sobre temas previamente selecionados (sempre numa perspectiva metodológica sócrática), exploração das características dos instrumentos do quinteto, exercícios (musicais ou verbais) ligados ao tema do dia, eventual execução de peças musicais criadas pelos alunos. Perret acredita que a melhor maneira de promover educação musical é a de oferecer aos estudantes oportunidade de aprender execução de algum instrumento. Essa possibilidade, porém, é muito rara, devido a dificuldades financeiras e operacionais. Em Wiston-Salem, a perspectiva de aprendizagem de execução instrumental foi afastada desde o início. O maestro optou por uma outra abordagem: apresentação de música ao vivo, executada por profissionais. Mas, o projeto não se resumiu fazer

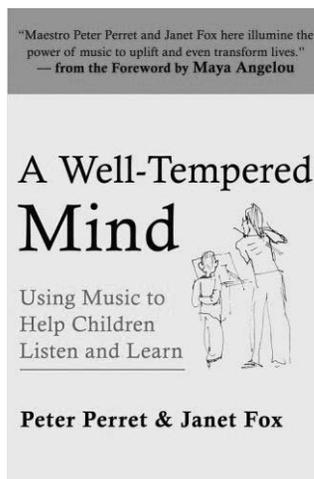
com que as crianças entrassem em contato com música de boa qualidade. Os músicos do quinteto preparavam sessões nas quais a música se integrava ao currículo desenvolvido pela escola. Em muitas situações, após conversa com a professora da classe, o quinteto criava abordagens que, tendo a música como referência, pudessem ajudar alunos e docentes a superar certos obstáculos na aprendizagem.

“Hoje vamos falar um pouquinho sobre os opostos”.

Com essa declaração, um dos músicos do quinteto propõe o rumo da conversa numa das sessões. As crianças entram no jogo e começam a fornecer exemplos: direito e esquerdo, quente e frio, certo e errado etc. A partir daí, os músicos introduzem certos conceitos que podem aparecer em jogos de oposição na música: *forte* e *piano*, *staccato* e *legato* etc. Além de explicar os opostos musicais, o quinteto os ilustra em pequenos trechos de execução. As crianças são desafiadas a definir cada execução, mostrando os contrários, sugerindo modos de executar a partir dos conceitos. A sessão inteira, por meio da música, acaba sendo uma exploração conceitual agradável que nas situações convencionais de ensino são muito difíceis e áridas.

Numa outra sessão, descrita no capítulo 12 – *Learning to listen*, os músicos propõem diversos exercícios de exploração do universo sonoro. Num deles, as crianças são convidadas a manter os olhos fechados por um minuto. Depois dessa pausa, devem descrever os sons que perceberam no momento de concentração. No geral, elas identificam diversas fontes sonoras que em situação normal passam despercebidas (os sons de fundo, quase sempre ausentes da consciência). As decorrências musicais de tal exercício são óbvias. Mas, além de noções importantes para a aprendizagem musical, as crianças aprendem muito mais. Aprendem a se concentrar, a prestar atenção em detalhes; aguçam capacidades de análise. Todas essas habilidades são essenciais para atividades de estudo. E, outra vez, a ponte musical facilita introdução de assuntos tidos como difíceis em situações convencionais de ensino.

Aprender a escutar, analisar detalhes, perceber características sonoras de fundo, descobrir o andamento de diversos ritmos, articular as representações sonoras com suas representações gráficas e outras atividades musicais têm um importante papel na facilitação da aprendizagem de conteúdos e habilidades próprios do currículo dos três primeiros anos do ensino fundamental. No Projeto Bolton, o trabalho com percepção sonora estabelece pontes que melhoram consideravelmente a leitura. Exercícios de ritmo e de identificação de tempos em notas musicais fazem o mesmo no caso da matemática. Cabe, portanto, perguntar se



as sessões promovidas pelo quinteto de corda tiveram alguma consequência em termos de melhoria da aprendizagem das crianças. Os dados empíricos mostram que sim: as crianças que passaram pelo programa obtiveram, no teste de desempenho em leitura e matemática, realizado pelo estado, resultados significativamente superiores aos de crianças que não receberam o benefício do programa musical.

As lições do Projeto Bolton não se circunscrevem apenas à educação fundamental. Elas sugerem diversas coisas que podemos aprender com (e com a) música em qualquer nível de ensino, em qualquer fase da vida. Uma dessas dimensões do aprender humano pode ser percebida numa nota que os autores fazem sobre uma observação de Robert Franz, coordenador das atividades educacionais do quinteto:

Robert Franz diz que “ver adultos que amam o que fazem” é um dos principais fatores de sucesso dos músicos do quinteto. Eu penso que ele está descrevendo não apenas adultos que amam o que fazem, que se divertem fazendo música. Penso que ele está falando sobre o apego apaixonado, por toda a vida, dos músicos com a música. (p. 49-50)

Na passagem citada, os autores destacam profunda identificação com a obra. Destacam os componentes de paixão que fazem com que músicos se dediquem a uma arte mesmo quando as recompensas materiais são incertas. Essa constatação coloca a música, assim como as demais artes, em posição de atividade que pode servir de inspiração para outras realizações humanas, particularmente aquelas vinculadas ao trabalho. Ou dito de uma outra forma, assim como no caso de pontes estabelecidas com conteúdos e habilidades do ensino fundamental, atividades musicais poderiam ajudar os educadores a articular conteúdos importantes de aprendizagem com experiências musicais. As propostas de Perret despertam interesse por experiências que articulem música com aprendizagem de conteúdos que podem ser vistos como arte se os educadores não enfatizarem apenas competência e habilidade, mas identificarem o sentido de realização (obra) nas atividades de um dado trabalho.

Em outra passagem, ao examinar as práticas habituais no mundo profissional da música, os autores observam que os músicos costumam executar obras “dentro da cabeça”. E mais, registram que esse tipo de execução interna ativa as mesmas áreas cerebrais que são ativadas durante execuções externas. A observação é uma das muitas que Perret e Fox utilizam para ilustrar a narrativa das sessões musicais do Projeto Bolton. Brock Allen (comunicação pessoal, 2000), em estudos sobre aprendizagem de processos técnicos, constatou que a aprendizagem pode ser acelerada quando os aprendizes executam imaginativamente o que estão aprendendo antes de se engajarem em exercícios concretos. Nesse caso, as lições de Bolton indicam caminhos interessantes para o ensino tecnológico, uma vez que a simulação cerebral do fazer utiliza as mesmas áreas que serão acionadas quando da execução concreta de uma tarefa ou habilidade.

A well-tempered mind revê alguns valores que, talvez por influência de certos radicalismos dos seguidores da Escola Nova, andam meio esquecidos. Em diversas passagens da obra, Perret e Fox,

escorados em exemplos da formação de músicos profissionais, mostram a necessidade de disciplina, dedicação, grande quantidade de exercícios, repetição para efetivação da aprendizagem. Embora as situações criadas pelo quinteto em seus encontros com os alunos sejam ocasião de muita alegria, fica evidente que o domínio virtuoso dos instrumentos é atividade exigente. De um modo simples e direto, os autores conversam com leitor sobre a vantagem da repetição da seguinte forma:

Assim como todas as lições do quinteto, os exercícios de “familiarização” com certas particularidades da produção musical trabalham simultaneamente em diversos níveis e frentes. Cada lição repete e se baseia naquilo que os alunos já aprenderam nas lições anteriores. (Profissionais de RH recentemente compreenderam que a retenção de novos conhecimentos depende desse tipo de repetição espaçada da informação – algo que os músicos sabem com base na sua formação. Rever e repetir informação antes de adicionar nova informação ou técnicas é padrão no ensino musical). (p. 34-35)

Observações como essa parece produto de senso comum. E talvez seja. Mas, por outro lado, ela é objeto freqüente de investigação no campo da neurociência, pois interessa saber como certas práticas antigas e bem sucedidas de uso da memória podem ser bem compreendidas em termos de funcionamento do cérebro.

Na obra de Perret e Fox, as aventuras musicais oferecidas pelo quinteto de sopro às crianças mostram que música é uma atividade integral, não separa corpo e mente. Os inevitáveis movimentos corporais despertados por uma batida que marca qualquer execução musical revelam uma pré-disposição do organismo para acompanhar o ritmo.

A música é uma atividade articuladora em diversos sentidos. Além de mostrar unidade de corpo e mente, ela é um elemento importante na coordenação de ações coletivas, pois pode desempenhar um papel fundamental de comunicação entre os atores de que buscam um mesmo fim. Essa experiência, que pode estar presente em outras realizações humanas, costuma ser muito mais evidente na música.

O Projeto Bolton é importante não apenas pelas indicações que sugere em termos de ensino da música. Perret e Fox, até por origem profissional, consideram que o ensino da música se justifica pela própria natureza dessa arte. Mas não se prendem a uma defesa corporativa da presença da música nas escolas. Mostram, com a experiência inspirada por Perret, que a musicalidade humana é um fator indispensável em termos de motivação, desenvolvimento cognitivo, comunicação e, sobretudo, paixão de aprender.

Jarbas Novelino Barato
Professor. Mestre em Tecnologia Educacional pela San Diego State University (SDSU). Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).